

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

SUZANA APARECIDA DE SANTANA

PEDAGOGIAS DO VESTIR E MODA INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DA ZIG-ZIG-ZAA
PARA A ALFABETIZAÇÃO E PARA A FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES DE
GÊNERO

MARINGÁ
2011

SUZANA APARECIDA DE SANTANA

PEDAGOGIAS DO VESTIR E MODA INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DA ZIG-ZIG-ZAA
PARA A ALFABETIZAÇÃO E PARA A FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES DE
GÊNERO

Artigo apresentado como Trabalho
de Conclusão de Curso sob a
orientação da Professora Dr^a Ivana
Guilherme Simili, da Universidade
Estadual de Maringá.

MARINGÁ
2011

Dedicatória

Para minha mãe, Vanilda, meu pai, Osmar e minha irmã, Simone.

Para minha orientadora, Ivana, que acompanhou minha trajetória durante todo o curso de Pedagogia e instigou-me nos estudos sobre educação e gênero.

Para Alexandre, pelo apoio incondicional.

Para Ângela, Olívia, Suzi, Ana e Vilma, expressões dos diversos femininos que povoaram meu viver ao longo desses quatro anos.

“Quem não compreende um olhar tampouco compreenderá uma longa explicação”

(Mário Quintana)

Pedagogias do vestir e moda infantil: contribuições da Zig Zig Zaa para a alfabetização e para a formação das identidades de gênero

Resumo: A Zig Zig Zaa é uma linha de roupa infantil que procura, por intermédio do vestuário, contribuir com a educação nas diferentes frentes pedagógicas. Partindo desse princípio, este trabalho visa estabelecer uma relação entre educação, moda e gênero por meio da análise da coleção primavera-verão 2010-2011, intitulada “Profissões dos sonhos”. Ao observar as roupas criadas para meninos e meninas que possuem entre 4 e 6 anos, buscamos identificar as contribuições das peças para o processo de alfabetização e para a formação das identidades de gênero. A partir das análises das estampas, cores e estilos das roupas, mostramos como a alfabetização foi estilizada, transmitindo, assim, noções de letramento e, ao mesmo tempo, veiculando conceitos sobre o que é ser menino e menina, masculino e feminino.

Palavras-chave: Zig Zig Zaa. Alfabetização. Educação. Gênero.

Pedagogies of the dress and children's fashion: contributions from Zig Zig Zaa to literacy and for the formation of gender identities

Abstract: Zig Zig Zaa is a line of children's clothing that searches through clothing, help with education in different fronts pedagogical. Based on this principle, this work aims to establish the relationship between education, fashion and gender through the analysis of the 2010-2011 spring-summer collection, entitled "Professions of dreams". On clothing created for boys and girls of the 4-6 years, seek to identify the contributions of parts to the process of literacy and the formation of gender identities. Through the analysis of patterns, colors and styles of clothes to show how literacy was styled, conveying thus notions of literacy and at the same time, conveying concepts of what is to be a boy and girl, male and female.

Keywords: Zig Zig Zaa. Literacy. Education. Gender.

Sumário

Introdução.....	08
1. O traje infantil: uma história das crianças.....	12
2. Zig Zig Zaa: contribuições para o processo de alfabetização e para a educação dos gêneros.....	16
3. Vestindo, ensinando e educando meninos e meninas.....	19
4. Considerações Finais.....	25
5. Referências.....	27

Introdução

A roupa é um meio de expressão e de comunicação dos corpos que permite inúmeras interpretações. Desde sua invenção, observa-se que ela foi usada com vários sentidos e objetivos, entre eles, diferenciar as etapas da vida, como é o caso da infância, da juventude e da velhice. A história da moda evidencia que na contemporaneidade as vestimentas vêm assumindo uma importância que ultrapassa os limites do simples vestir, e constituindo-se em elemento relevante para a educação. O surgimento do que hoje se denomina moda infantil e pedagógica é exemplo das mudanças verificadas na história da moda para crianças.

Segundo Fante (2010), com o surgimento da moda infantil as roupas passaram a ser utilizadas para comunicar e estabelecer uma relação com o público usuário. As indústrias de confecção infantil encontraram na exploração dos elementos educacionais um meio de ajudar no desenvolvimento dos pequenos, desse modo, os investimentos em coleções educativas vieram a considerar fatores que pudessem, além de vestir, educar e divertir as crianças, ou seja, algumas propostas das indústrias de moda direcionadas para os segmentos infantis da população partem do princípio de que é preciso desenvolver roupas que contribuam com a educação.

O surgimento da moda infantil e pedagógica pode ser tomado como um acontecimento expressivo das mudanças observadas no vestuário de e para crianças. O entendimento dos processos mentais da criança em suas várias faixas etárias possibilitou o desenvolvimento de roupas pedagógicas dotadas de artefatos indicados para cada fase da infância, os quais transportam as fantasias mirins para os tecidos, criando detalhes que aguçam e instigam os cinco sentidos. Sob essa perspectiva, entendemos moda pedagógica como a inserção de conhecimentos pedagógicos nas roupas, visando o desenvolvimento infantil ou para fazer contribuições nas diferentes frentes pedagógicas – transmissão de conhecimentos, desenvolvimento de habilidades e competências – afetivas, cognitivas, psicológicas etc.

Nesse sentido, o artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a coleção Zig Zig Zaa, linha de moda pedagógica desenvolvida pela indústria de confecção Malwee¹ que

¹ A indústria Malwee, desde a sua fundação, em 1968, em Jaraguá do Sul, SC, divulga na mídia uma imagem da empresa associada ao comprometimento com a sustentabilidade, viabilização do bem estar e o estímulo para a educação. Os discursos produzidos e veiculados via propaganda, apresentam a marca como parceira do desenvolvimento infantil. Em entrevistas divulgadas em meio eletrônico utilizadas para fins de apresentação da empresa, Guilherme Weege, administrador da Malwee, diz que a empresa já realizava ações em prol da educação, mas decidiu-se fazer algo de maior impacto e resultado em razão de acreditar que o educar, em sua essência, ultrapassa os limites escolares. Nesse contexto, buscaram-se parcerias com pedagogas, pediatras e entrevistas com famílias, objetivando a produção de roupas não apenas bonitas e de qualidade, mas que contribuíssem efetivamente para o desenvolvimento infantil. Após dois anos de pesquisa surgiu a Zig Zig Zaa, uma marca que oferece juntamente com a roupa, a possibilidade de a criança vivenciar a infância e desenvolver

surgiu no mercado da moda infantil em 2007, assinada pela estilista Ana Cristina Nardelli e pela pedagoga Bernadete Wolff Cisz.

A Zig Zig Zaa desenvolve roupas específicas para o público infantil e caracteriza-se pela elaboração de peças coloridas e alegres cujos detalhes tem por objetivo estimular nas crianças a percepção de espaço, a psicomotricidade, a interação afetiva com os outros, a criatividade etc. Trata-se, portanto, da primeira marca de roupas produzida no Brasil que articula conhecimentos da educação com a moda, a qual demonstrou, desde o princípio, a preocupação de produzir vestimentas bonitas, confortáveis e, principalmente, pedagógicas.

Todo o trabalho de criação das roupas da grife é feito por estilistas, as quais são acompanhadas e orientadas pela pedagoga Bernadete Wolff Cisz. É importante ressaltar que a Zig Zig Zaa veste crianças que possuem entre 1 e 6 anos. Em entrevista à revista *Crescer* (2010)², Bernadete comenta que, inicialmente, os profissionais envolvidos no projeto definem os temas pedagógicos de acordo com cada idade, em seguida, criam-se os modelos, as estampas e os detalhes das peças (design, cores, texturas, acabamentos, entre outros). O trabalho é concluído pela equipe de comunicação e marketing que cria tags interativos, as campanhas publicitárias nas mídias (escritas, televisivas, virtuais), entre outros recursos propagandísticos.

O site da grife (www.zigzigzaa.com.br) oferece todas as informações sobre cada coleção e, inclusive, fotografias. Acompanhando o mercado da moda infantil, a cada estação a empresa lança uma coleção, segmentada de acordo com o sexo e a idade das crianças (para meninos e meninas entre 1 e 3; 4 e 6 anos). Trata-se de um espaço online que permite não só a interação com crianças, mas também a interlocução entre elas e os adultos. Há um espaço infantil com jogos disponíveis para cada idade e outro para os pais e pedagogos com artigos referentes ao desenvolvimento infantil. Nesse contexto, a Zig Zig Zaa aparece como uma marca que valoriza a infância e o desenvolvimento infantil.

Conforme ressalta a pedagoga, a grife procura no próprio cotidiano da criança alternativas que favoreçam seu desenvolvimento e aprendizagem. Nesse sentido, considera-se que contribuir para o desenvolvimento significa oferecer à criança informações que possibilitem a criação de conceitos e valores, por esse motivo é importante o uso de linguagens diferenciadas como o Braille, pois elas facilitam a interação entre as pessoas, especialmente quando se fala em sociedade inclusiva.

seus potenciais (revista *Educar para crescer*, 2010).

² Entrevista disponível no site <<http://educarparacrescer.abril.com.br/zigzigzaa/materias/guilherme-weege-entrevista.shtml>>. Acesso em set. 2010.

Nas coleções, diferentes propósitos nortearam a criação das roupas como, por exemplo, o desenvolvimento motor, o raciocínio, a imaginação e associação figurativa, a alfabetização e o reconhecimento das vogais. Tomando como ponto de partida as práticas de produção e de divulgação das coleções da moda em geral, para cada estação do ano são lançados novos segmentos de roupas. Para a estação primavera-verão 2010-2011, a Zig Zig Zaa criou a coleção “Profissões dos sonhos”, direcionada a meninos e meninas na fase dos 4 aos 6 anos. O propósito das roupas, nesse caso, é contribuir com o processo de alfabetização e de reconhecimento das vogais, princípio que vem norteando as práticas pedagógicas na educação infantil e foi incorporado como tema de estilismo e de moda.

A investigação teve por objetivo estabelecer a relação entre educação, moda e gênero por meio da análise da coleção primavera-verão 2010-2011, intitulada “Profissões dos sonhos”, criada para meninos e para meninas na fase compreendida entre os 4 e os 6 anos, a partir da qual questionamos: o que as roupas dizem e mostram sobre a participação delas na educação dos gêneros, ou seja, na formação das identidades dos meninos e meninas como masculinos e femininos?

Neste ponto, importa destacar que, consoante às tendências atuais nos estudos da educação, realizadas sob a perspectiva cultural, somos educados pelas diferentes instâncias e artefatos pedagógicos. Para Sandra Santos Andrade (2003, p.109), “não é somente na escola que os corpos são educados, moldados, governados”. A propaganda, a mídia, a literatura, o cinema, os espaços frequentados pelos sujeitos, bem como a arquitetura, os brinquedos, a moda, entre outras instâncias e artefatos de comunicação e expressão, cumprem um papel importante na educação, constituindo-se em pedagogias culturais e educacionais que ensinam modos de ver, sentir, viver, vestir e comportar-se. Assim, a construção do gênero e da sexualidade ocorre ao longo de toda a vida, conforme ressalta Louro (2008), e as diversas instâncias e espaços sociais inscrevem em nossos corpos marcas e normas que devem ser seguidas, que nos constituem como homens e mulheres.

Portanto, neste estudo, consideramos que as roupas da coleção “Profissões dos sonhos” educam as crianças sob dois focos: elas contribuem com a alfabetização e o letramento e com a educação infantil de gênero. Nos designs das peças timbradas com as “profissões”, os destinos dos meninos e das meninas são desenhados como homens e mulheres.

Berenice Bento (2004, p.04) menciona que “o gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada” ao sexo masculino e ao feminino. Por isso, buscamos desvelar nos tipos e estilos

das peças criadas para meninos e meninas as “estilísticas” selecionadas pela Zig Zig Zaa como apropriadas aos sexos, bem como as noções veiculadas nas estampas e nas cores sobre o que é ser masculino e feminino.

O princípio que balizou a análise do produto da pesquisa - as imagens e os documentos escritos - é o de que a moda pedagógica da Malwee, ao se propor a contribuir com o processo de alfabetização e letramento, também educa as crianças sob o foco dos gêneros, pois, conforme escreve Sabat (2001), as identidades dos sujeitos também são construídas a partir dos anúncios publicitários e por meio do uso de objetos aos quais atribuímos características femininas e masculinas, como as roupas. Portanto, a análise se relaciona com aspectos da propaganda – divulgação, acessibilidade e verificabilidade de como os conceitos pedagógicos da alfabetização presentes na educação contemporânea refletem-se nas roupas a partir da coleção Alto verão 2010 – 2011 (Profissão dos sonhos) da qual foram selecionados os modelos que consideramos mais expressivos quando os associamos aos preceitos legais referentes à educação de crianças que possuem de 4 a 6 anos, especialmente o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil³ – RCNEI – (BRASIL, 1998) e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – (BRASIL, 1997).

A condução da análise articulou as concepções manifestadas nesses documentos e o modo como eles foram analisados para conseguir entender as dinâmicas de alfabetização, moda e gênero. As imagens utilizadas para a construção do trabalho estão disponíveis no site (www.zigzigzaa.com.br) e as informações nele veiculadas foram usadas como ponto de apoio para o desenvolvimento da pesquisa. Os fios da reflexão desenvolvida, por sua vez, incluem a história da infância e da educação infantil, bem como os aspectos relacionados à alfabetização que podem ser encontrados no RCNEI (1998) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

Para a compreensão almejada dos indícios encontrados nas fotografias, a análise das visualidades conjugou as informações fotográficas ao conhecimento do contexto econômico, político e social, dos costumes, e do ideário estético refletido nas manifestações artísticas, literárias e culturais do momento histórico abordado, conforme ressalta Boris Kossoy (2001, p. 117).

Em suma, este artigo pretende identificar de que modo a Zig Zig Zaa contribui para o processo de alfabetização e, concomitantemente, a associa às expectativas sociais e culturais sobre as crianças, direcionando a discussão para as questões de gênero. Examinamos as peças procurando responder às questões: de que modo os conceitos e práticas da alfabetização

³ A lei 11.274/2006 que regulamenta o ensino fundamental de nove anos propõe que a ludicidade seja mantida nos anos iniciais da educação básica.

conforme estabelecidos pela educação infantil se fazem notar nas estampas? Quais estratégias de comunicação foram estabelecidas pela estilista e pela pedagoga para facilitar o reconhecimento das vogais e a formação de palavras? Como a construção das identidades dos sujeitos como masculino e feminino está implícita nos modelos e cores?

1. O traje infantil: uma história das crianças

Para a melhor compreensão da relação entre moda, educação e os gêneros é preciso que se faça um balanço acerca da história da infância sob o foco do vestuário. Conforme mostram os estudos sobre a Idade Média, no que se refere ao vestuário infantil não havia a preocupação em diferenciar a roupa das crianças da roupa dos adultos, uma vez que os pequenos eram considerados adultos em miniatura e assim eram vestidos. Sobre o assunto, Lurie (1997, p.51) escreve que “entre os 3 e os 6 aos o menino se tornava um homenzinho e a menina uma mulherzinha, então, vestiam versões reduzidas da moda adulta” com todas as suas inconveniências, golas franzidas, anquinhas, calções bufantes, sapatos de salto alto, entre outros.

Os estudos de Ariès (1986) referentes à história social da criança nos reportam à elaboração e ao desenvolvimento do traje infantil, sem o qual a mobilidade dos pequenos era restrita. Até o século XIII, a fase que hoje designamos *infância* era pouco particularizada, fato que se visualiza a partir da observação do vestuário, pois assim que deixava os cueiros a criança era vestida como os homens e mulheres de sua hierarquia social.

No século XVI era hábito vestir os meninos como as meninas (saia, vestido e avental), enquanto elas continuavam a ser vestidas como as mulheres adultas porque, no caso das mulheres, ainda não existia a separação entre crianças e adultos (ARIÈS, 1986, p.81). No século XVII, entretanto, os filhos da nobreza e da burguesia não eram mais vestidos como adultos, uma vez que se adotaram trajes mais apropriados à idade de cada criança.

Inúmeras obras de arte dos séculos XVI e XVII representam meninos usando um vestido comprido, aberto na frente, fechado com botões ou agulhetas. Nas pinturas de crianças do século XVIII, tanto os trajes de meninos como os de meninas aparecem com um detalhe que Ariès (1986, p.74) descreve como ornamento singular: duas fitas largas, presas ao vestido atrás dos ombros, pendentes nas costas, as quais se tornaram signos da infância. Para as crianças que ainda não possuíam firmeza nos passos utilizavam-se as “guias”, duas cordinhas cuja finalidade era ajudar a criança a andar.

O vestido usado pelas crianças consistia em uma adaptação do traje longo da Idade Média, característico dos séculos XII e XIII, o qual era usado também por homens e mulheres e diferenciado em virtude do comprimento e de uma abertura na frente. Sobre o assunto, afirma Ariès (1986, p. 77): “Assim, para distinguir a criança que antes se vestia como os adultos, foram conservados para seu uso exclusivo traços dos trajes antigos que os adultos haviam abandonado, algumas vezes há longo tempo. Esse foi o caso do vestido, ou túnica longa”.

Desse modo, o primeiro traje infantil havia sido utilizado por todos os adultos aproximadamente um século antes da invenção da roupa própria para as crianças. Conforme escreve o autor, a necessidade de separá-las de uma forma visível do mundo adulto, por meio do vestuário, marcou o início da formação do sentimento de infância.

A história social da criança evidencia que no século XVII a evolução do traje infantil orientou-se a partir de duas tendências. A primeira acentuou o aspecto efeminado do menino, uma vez que os poucos traços característicos do traje masculino foram substituídos pela gola de renda das meninas, costume que perdurou por aproximadamente dois séculos e praticamente impossibilitou a distinção entre menino e menina antes dos quatro ou cinco anos.

Apenas em meados de 1770 os meninos deixaram de usar vestidos, no que se refere à questão, Ariès (1986) destaca um detalhe curioso: a preocupação em distinguir a criança limitou-se aos meninos, pois eles começaram a frequentar, em massa, os colégios já no fim do século XVI e início do século XVII, enquanto o ensino das meninas se desenvolvia lenta e tardiamente, sem a escolaridade, as meninas eram confundidas com as mulheres e ninguém pensava em tornar visível por meio do traje a diferenciação entre meninas e mulheres.

A segunda tendência levou as famílias burguesas a vestir seus filhos com traços das classes populares ou do uniforme de trabalho, os precedentes da moda masculina. A partir dos séculos XVI e XVII, entretanto, a infância passa a ser reconhecida como uma ordem natural do ciclo de vida, a criança torna-se objeto de respeito, com outras necessidades, desse modo, precisava estar separada e protegida do mundo adulto. Assim, a infância começa a constituir uma categoria social e intelectual com estágios visíveis.

Os estudos de Jean Jacques Rousseau (1999) trouxeram essas concepções unidas ao conceito de infância que surgia. Rousseau propõe uma visão de infância na qual a criança é considerada um ser com valor próprio e, conseqüentemente, exigia mudanças na educação e na maneira de vestir, por isso, aconselha que os membros de uma criança em crescimento devem estar livres para se mover com facilidade em suas roupas; nada deve restringir seu

crescimento e movimento, portanto, o melhor é fazer com que as crianças usem batas durante o maior tempo possível e, então, prover-lhes de roupas folgadas.

De fato, o vestuário infantil se diferenciou dos adultos, as crianças passaram a exibir uma nova aparência na qual as meninas se livraram dos espartilhos, substituindo-os pelas batas de musseline simples e confortáveis. Os meninos deixaram de usar os casacos compridos e coletes justos, passaram a vestir jaqueta curta, camisa com colarinho mais confortável e calças. Os chinelos baixos e cortes de cabelo simples para ambos os sexos substituíram as perucas que continuaram a ser usadas pelos adultos.

No fim do século XVIII, uma moda que perdurou por muito tempo começou a ser adotada: os trajes estilo marinheiro. Essa roupa começou a ser usada como uniforme por rapazes que estudavam em escolas que treinavam para a Marinha, mas logo foi difundida e vista em crianças de todas as idades e de ambos os sexos. A única diferença é que, para as meninas, a calça foi substituída pela saia.

Com o tempo, a moda marinheiro se propagou pelo Mundo Ocidental. Segundo Lurie (1997, p. 55), “no começo do século XX, esse traje era quase o padrão de roupa cotidiana para meninos e meninas da classe média [...] Na cidade e no campo, em casa e fora de casa, em azul marinho para aquecer ou em branco para o verão e festas”.

Outra vestimenta infantil que foi introduzida no final do século XIX, principalmente para os meninos, foi o traje *Fauntleroy*, inspirado nas primeiras edições da obra *Little Lord Fauntleroy*. Essa indumentária foi odiada por quase todos os garotos, que eram obrigados pelos seus pais a usá-la, e constituía-se de “uma jaqueta preta ou azul safira de veludo e calças usadas com uma camisa branca com um largo colarinho de renda Vandyke”, sendo completada “por uma faixa de seda colorida, meias de seda, sapatilha afivelada, uma boina grande de veludo e cabelos cacheados” (LURIE, 1997, p.56).

Depois de terem conseguido abandonar o traje *Fauntleroy*, ainda por muitos anos os meninos continuaram usando calças curtas, tanto para o dia a dia, quanto para momentos de passeio e de festa. Os meninos usavam bermudas mais ou menos até os sete anos, para, então, trocaram-nas pelas calças até o joelho, iguais às calças que seus pais usavam para praticar esportes. Segundo Lurie (1997), este é um dos primeiros exemplos de uma regra que seguimos até hoje, em que as roupas de esporte adultas são as roupas diárias das crianças.

Ao longo do século XX a indumentária infantil sofreu alterações. Na década de 1930, para as meninas prevaleceu o vestido em linha A, em forma de tenda, amplo e rodado, acompanhado pelo uso de grandes laços no cabelo e pelo sapato estilo boneca, os quais também eram usados pelos meninos que, até aproximadamente 1940, vestiam uniformes

militares. Esses modelos traziam embutido o conceito de criança bem comportada que representava o padrão social da família, não lhes permitiam a liberdade para as brincadeiras e expressavam a delicadeza como um traço da personalidade feminina, pois as rendas, babadinhos, laços e tecido finos exigiam movimentos calmos a fim de não serem danificados (KERN; SCHEMES e ARAÚJO, 2010).

Após 1940 os trajes destinados aos meninos foram substituídos pelo blazer com calça comprida ou short e, ainda, pelo macaquinho, vestimentas que sofreram poucas alterações ao longo dos anos. Para as meninas, entretanto, a partir de 1945 permaneceu o vestido de cintura marcada, sapato boneca e o laço no cabelo, indumentária muito semelhante à usada pelas mulheres adultas.

Nos anos de 1960 a moda sofreu intensas transformações, entretanto, o vestuário infantil pouco se modificou, possivelmente a alteração mais expressiva nas roupas das meninas tenha sido a adoção do traje unissex (blusa e short) que, segundo Kern, Schemes e Araújo (2010), pode estar associada à busca de igualdade pelas minorias que desejavam ter seus direitos individuais reconhecidos.

Hoje é possível afirmar que as crianças são vestidas, novamente, como os adultos. Neste contexto, Lurie (1997, p.60) enfatiza que “as roupas de uma menina, mesmo as de 3 ou 4 anos, são frequentemente desenhadas de modo a sugerir o desenvolvimento das características sexuais secundárias. Quadris inexistentes são sugeridos por muita roda e os seios são delineados no pequeno peito chato e preenchidos com franzidos.”

Diante do exposto, verifica-se que a moda, há muito tempo, constitui um fator que contribui (de maneira benéfica ou não) para a educação das crianças. As mudanças na educação e no comportamento infantil puderam ser percebidas com maior intensidade a partir de 1950, pois, segundo Postman (1999), trata-se do período no qual a televisão se instalou nos lares e passou a destruir a linha divisória entre infância e idade adulta.

Na sociedade contemporânea, a moda divulgada pela televisão, pelas revistas e por outros aparatos midiáticos constitui um mercado emergente que atua em todas as esferas da educação das crianças: a comportamental, a psicológica, a corporal etc. Nesse contexto, o elemento mais notório refere-se à “adultização” dos corpos infantis.

No momento histórico em que vivemos, verificamos um embate entre a moda infantil e a moda divulgada pela mídia, a qual promove a adultização dos corpos infantis, conforme destaca Postman na obra “O Desaparecimento da Infância”.

O confronto dessa teoria com as roupas da Malwee, em especial a grife Zig Zig Zaa, preocupada com o resgate do conceito de infância, pode revelar aspectos importantes sobre o

campo de debate e das práticas que vêm orientando a relação dos pais e profissionais da educação e da moda com as crianças na modernidade.

Cabe ressaltar, ainda, que a moda pedagógica da Malwee insere-se no campo de consumo da moda infantil, ou seja, a indústria da moda infantil desde o surgimento da ideia de roupas adequadas às crianças não para de crescer, sendo a Zig Zig Zaa uma amostra expressiva desse crescimento. Conforme escrevem Bezerra e Waechter (2008), utilizando-se de personagens que encantam o mundo mirim, as empresas procuram conquistar o pequeno público por meio da combinação entre cores, texturas e formas, prática que harmoniza a imagem do produto e elabora mensagens visuais destinadas a um determinado público-alvo.

2. Zig Zig Zaa: contribuições para o processo de alfabetização e para a educação dos gêneros

Ao abordar os diversos significados envolvidos no conceito de alfabetização, Magda Soares (2004, p.14) afirma que um deles consiste “no processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética”. Essa concepção possibilita-nos compreender que os muitos objetivos estabelecidos pelo RCNEI (1998) e pelos PCNs (1997) para o processo de ensino e aprendizagem de crianças que possuem entre 4 e 6 anos pautam-se no reconhecimento das letras, na aprendizagem da leitura e da escrita, mesmo que isso não se realize de forma convencional.

Os debates sobre a educação infantil acerca do que se deve ensinar para as crianças na faixa etária de 4 a 6 anos são polêmicos. Há quem tema que a introdução das práticas pedagógicas resulte na perda do lúdico, contrariamente, muitos educadores valorizam a presença da cultura escrita nesse momento de aprendizagem, pois esse é um meio de familiarizar a criança com os textos.

De acordo com o RCNEI (1998), as pesquisas na área da linguagem tendem a reconhecer que a alfabetização e o letramento associam-se à construção do discurso oral e escrito. Especialmente nos meios urbanos, grande parte das crianças está em contato com a linguagem escrita por diversos meios que as cercam (placas, rótulos, jornais, livros), isto é, tem acesso a uma infinidade de elementos portadores de material gráfico que oportunizam o contato com o mundo letrado antes mesmo de a criança ingressar na escola.

A convivência em um meio que permita o acesso ao código escrito faz com que a criança questione e pense sobre o assunto, assim, gradativamente ela constrói um conhecimento de natureza conceitual, necessário para aprender a ler e a escrever. Isso

significa que é preciso compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem. Nessa perspectiva, o RCNEI (1998) concebe a aprendizagem da linguagem escrita como a compreensão de um sistema de representação que ultrapassa a transcrição da fala e do pensamento; e constitui um processo de construção de conhecimento cujo ponto de partida e chegada é o uso da linguagem e a participação nas diversas práticas sociais.

O documento ressalta que uma das perspectivas do processo de alfabetização prevê que a aprendizagem da leitura e da escrita se inicie na educação infantil por meio de um trabalho baseado na cópia de vogais e consoantes. Diz o documento:

Ensinadas uma de cada vez, tendo como objetivo que as crianças relacionem sons e escritas por associação, repetição e memorização de sílabas. A prática em geral realiza-se de forma supostamente progressiva: primeiro as vogais, depois as consoantes; em seguida as sílabas, até chegar às palavras. (BRASIL, 1998, p.120)

Conforme evidencia a citação, o trabalho de reprodução das letras começa por aquelas cujos traços se apresentam de forma mais simples. Acredita-se que a escrita das letras associa-se à vivência corporal e motora que possibilita a interiorização dos movimentos necessários para reproduzi-las, por esse motivo, nas atividades de ensino de letras, o RCNEI (1998) recomenda, inicialmente, uma atividade com o corpo: pode-se, por exemplo, fazer o contorno das letras na areia e solicitar aos alunos que andem sobre elas, para, posteriormente, realizar uma atividade oral de identificação e cópia.

Após a familiarização com as letras, comumente, a primeira palavra escrita pela criança é seu próprio nome, tarefa de suma importância para o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, sobre a qual o RCNEI (1998) destaca que “saber escrever o próprio nome é um valioso conhecimento que fornece às crianças um repertório básico de letras que lhes servirá de fonte de informação para produzir outras escritas [...] é importante realizar um trabalho intencional que leve ao reconhecimento e reprodução do próprio nome”.

A utilização de diferenciados recursos audiovisuais é indicada no documento como meio de desenvolvimento de inúmeras atividades linguísticas, e o desenho (imagens, fotografias) está incluso na lista, além disso, os PCNs (BRASIL, 1997, p.106) propõem que desde o primeiro ciclo os alunos leiam diferentes textos. Nesse caso, como eles ainda não possuem domínio do código escrito, as estampas tornam-se elementos essenciais na medida em que conduzem a compreensão da mensagem.

Atendendo a esse propósito, a Zig Zig Zaa dispõe de chips musicais que, associados às imagens, combinam sistemas verbais e não verbais de comunicação. Desse modo, os debates referentes à alfabetização são incorporados sob a forma de conhecimentos nas roupas, como, por exemplo, a utilização de muitas letras, uma vez que elas são um elemento importante do processo. Certamente, alfabetizar envolve aspectos que ultrapassam os limites do mero reconhecimento do código escrito, isto é, inclui a percepção da sonoridade das palavras e o reconhecimento das diferenças entre as letras, processo que a coleção procura ativar por meio dos recursos citados.

O emprego de estratégias lúdicas no desenvolvimento das roupas para o ingresso dos pequenos no mundo letrado merece ser detalhado. As crianças encontram no design das peças e nos materiais utilizados para confeccionar o vestuário os suportes visuais e táteis necessários à descoberta da escrita. A partir do contato com os mais diversos materiais em que o sistema gráfico aparece, caso das estampas e texturas para produzir imagens e sensações (de jornais, livros, revistas, teclado do computador, embalagens, placas e especialmente por meio da escrita do seu nome), a criança brinca, sente e aprende.

A ludicidade é, portanto, um aspecto de destaque das estampas. Ela manifesta-se por meio de imagens que instigam as brincadeiras e a imaginação infantil, visto que as letras aparecem o tempo todo, coloridas e nos mais diversos tamanhos com o intuito de estimular a criança a descobrir seus traços. Essas letras, vale destacar, são usadas para escrever seu nome, ou seja, o texto mais significativo para aqueles que iniciam o processo de leitura e escrita.

Em síntese, a análise dos modelos selecionados mostrou a utilização de princípios estabelecidos pelos documentos oficiais referentes à educação infantil, tais como as letras em caixa alta, as quais facilitam a percepção da grafia para as crianças em processo inicial de alfabetização, e a letra cursiva para crianças que já dominam o código escrito.

Dagmar Esterman Meyer (2003, p.16), ao analisar os diversos sentidos do conceito de gênero em seus diálogos com a educação, mostrou que uma de suas potencialidades está em proporcionar o exame dos processos de construções das diferenciações entre homens e mulheres. Nesse projeto de análise de gênero, as instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis e as políticas se transformariam em objetos de estudos para identificar, entre outros aspectos, como o masculino e o feminino são produzidos pelas diversas instâncias e práticas sociais, culturais, educacionais e políticas.

Considerando o afirmado por Meyer (2003), no exame da coleção “Profissões dos sonhos”, indicada para crianças de 4 a 6 anos, composta por roupas pedagógicas que se propõem a auxiliar na educação infantil, em sua face da alfabetização, foi possível perceber e

identificar de que maneira o masculino e o feminino são representados e significados nas vestimentas para meninos e meninas. Em outras palavras: nas roupas pedagógicas, concebidas como vetores da alfabetização, revelam-se os processos educacionais de gênero, os quais participam da educação dos meninos e meninas como pertencentes aos segmentos masculino e feminino da população. Portanto, educação, currículo e gênero são conceitos interligados no processo de educação formal, ou seja, o currículo e as práticas da educação formal são "generificadas", ensinam e veiculam noções de gênero, educando, desse modo, as crianças.

3. Vestindo, ensinando e educando meninos e meninas

Sabat (2001, p.12) ressalta que, por meio das imagens, são ensinados modos de conduta para meninos e para meninas, delimitando seus espaços, traçando seus caminhos e configurando suas identidades. A Zig Zig Zaa emprega a alfabetização como meio e artifício para a educação dos gêneros. Essa foi a consideração metodológica adotada como ponto de partida e fundamento para a análise das imagens coletadas no site e transformadas em fonte e objeto de estudo.

Partindo do princípio de que as diversas instâncias sociais educam e formam identidades, percebemos, por intermédio da análise das roupas da Zig Zig Zaa, que a marca utilizou o processo de alfabetização para produzir noções do que é ser menino e menina, com múltiplas repercussões em seu destino como homens e mulheres. Mais do que letras e imagens, o conteúdo das estampas traz conceitos cristalizados na sociedade e na cultura que também se refletem na educação formal e informal de meninos e meninas de que existem cores e profissões adequadas a uns e outros. As roupas, nesse caso, desenham destinos.

Neste ponto é importante destacar que a moda, desde o seu surgimento entre os séculos XIV-XV, foi pautada pela separação das roupas para homens e para mulheres, aspecto que marcaria a sua história. O que a moda fez e atravessaria a história da moda, permanecendo como sua tônica, foi produzir roupas e configurar aparências masculinas e femininas a partir de uma categoria: o sexo (SIMILI, s/d).

No caso em particular da moda pedagógica com recorte temático na alfabetização, o evidenciado em suas peças é que os procedimentos e conhecimentos da educação, ao serem incorporados aos vestuários, sofrem reforços recíprocos. Vestidas com as “profissões dos sonhos”, as crianças recebem informações e conhecimentos sobre modos de ser, de se comportar e de sonhar que se conectam às expectativas sociais e culturais, ou seja, o que a

sociedade e a cultura espera que elas sejam e desejem. As roupas fazem que as crianças “sonhem” com o futuro como homens e mulheres.

Nos limites desse trabalho, não foi possível examinar todas as peças de vestuário, por isso, selecionamos as imagens mais significativas do ponto de vista de demonstrar nossa assertiva, ou seja, como o repertório cultural acerca das habilidades e competências concebidas social e culturalmente como “naturais” aos meninos e meninas foram transformadas em inspiração e motor para os desenhos das letras e das palavras das profissões nas estampas das roupas.

Observando a coleção, verificamos que a Zig Zig Zaa utiliza-se de cores cujo significado cultural evidencia feminilidade e masculinidade, portanto, as roupas pedagógicas como vetor de modelagem das crianças, consoante às expectativas sociais e culturais em torno das profissões, visam educar a criança inserindo-a no mundo adulto por meio das profissões.

Como podemos verificar na figura 1, o modelo composto por uma bermuda jeans pregueada com as pernas largas e uma blusa de alça franzida no busto garante liberdade de movimentos para a criança. A estampa da roupa, destaque-se, apresenta o tema da coleção, “Profissões dos sonhos”, à medida que expõe a representação de uma professora em sala de aula, alguns livros empilhados e várias letras maiúsculas na sequência alfabética, dentre as quais salienta-se a letra P sob a alça direita da blusa, a qual indica a inicial da profissão em destaque.



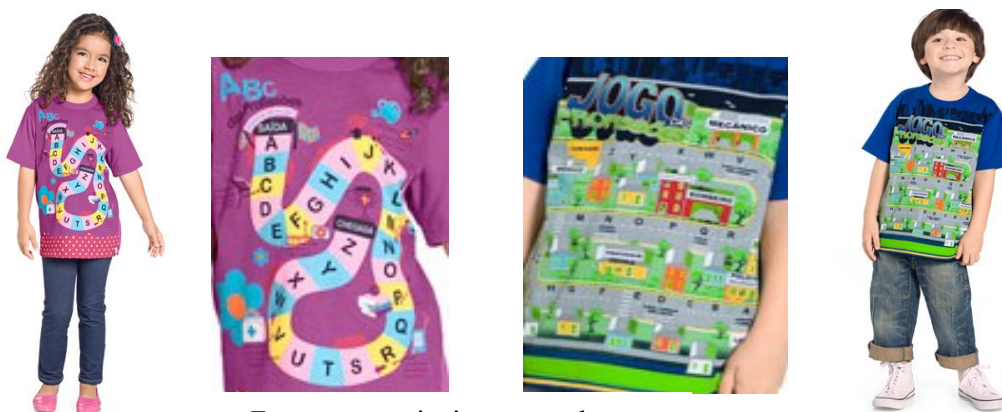
Fonte: www.zigzigzaa.com.br

Figura1: estampa em cor de rosa evidencia a feminilidade da profissão de professora

Na peça, o primeiro detalhe que chama atenção é a estampa: a professora ilustrada em cor de rosa, tonalidade associada ao sentimento e às mulheres (LURIE, 1997). É importante lembrar que a profissão de professora tem, na história da educação, uma longa trajetória e que o processo chamado de feminização do magistério teve, nas concepções de sentimentalismo e dedicação ao próximo, os elementos “naturais” ao feminino que funcionaram como suporte para permitir que as mulheres fossem professoras.

Conforme destacam Pinheiro e Moraes (2011, p. 4), desde o período republicano a mulher assumiu um papel importante no processo educacional. Nos limites deste texto não será possível retomar a história que inseriu a mulher nos espaços da educação infantil, no entanto, vale a pena recordar que a representação da figura feminina serena e dedicada ao lar foi levada para a escola e para a educação. Naquele momento e contexto, décadas iniciais do século XX, a representação elaborada para a professora era a de que ela tinha um papel a desempenhar: ser capaz de educar outras mulheres a fim de as tornar “educadoras dos filhos e formadoras dos futuros cidadãos, além de se pretender para ela um certo traquejo social e uma boa representatividade junto ao esposo”. Portanto, a construção da imagem da mulher/professora foi edificada no Brasil desde o início da República.

Importa destacar a permanência dessa história, visto que a alfabetização continua sendo uma prática característica da professora do ensino fundamental. Não podemos esquecer que a imitação é um elemento da educação e que a roupa se constitui em instrumento de comunicação não-verbal e, por extensão, em fonte para a identificação e a criação da identidade entre os sujeitos. Portanto, o que afirmamos é que a roupa, ao ser elaborada mediante a associação da profissão de professora às meninas, vai incutindo a representação de que ser professora é uma profissão para meninas, desenhando e estimulando as escolhas profissionais que elas farão no futuro. O que a roupa parece dizer é que ser professora é uma profissão “natural” das mulheres.



Fonte: www.zigzigzaa.com.br

Figura 2: traje unissex

A figura 2 representa um conjunto de calça jeans e camiseta, peças comuns para meninas e meninos, por isso são chamadas de unissex, isto é, podem ser usadas tanto por homens quanto por mulheres. A camiseta, nos dois casos, se transforma em um tabuleiro para jogo no qual estão estampadas todas as letras do alfabeto, ambas diferem-se apenas nas cores, profissões e outros detalhes. Da mesma forma que nas demais peças da coleção, optou-se por

utilizar a representação de profissões consideradas essencialmente femininas (para as roupas das meninas) e essencialmente masculinas (para as roupas dos meninos).

A roupa da menina apresenta mistura de cores (rosa, azul, amarelo, vermelho, branco e letras em caixa alta na cor preta). Os estudos de Lurie (1997) sobre o significado atribuído às cores destacam o rosa como símbolo do romantismo; o vermelho é a cor tradicionalmente associada ao amor, sentimento culturalmente atribuído às mulheres; o branco representa a inocência e a pureza; o amarelo, a jovialidade; e o azul, quando usado por mulheres, expressa leveza e suavidade.

A estampa mistura flores, bichinhos, bolinhas, e detalhes das profissões em cores delicadas: livros cor de rosa, regador em formato de borboleta e uma maleta de enfermagem. Segundo Lurie (1997), os estampados de flores representam a feminilidade e a delicadeza, enquanto borboletas e outros animais domésticos evidenciam a tradicional visão de que os espaços femininos são a casa e seus afazeres.

A roupa do menino, por sua vez, possui vários tons de azul, detalhes em verde, preto e vermelho. Usadas pelos meninos, as cores adquirem e expressam características associadas à força, à virilidade, à masculinidade e à coragem. O azul é a cor tipicamente relacionada ao masculino e ao trabalho desde a Idade Média; o verde sugere vegetação e o espírito explorador dos homens considerados mais ligados à natureza do que as mulheres; o vermelho empregado no vestuário dos meninos representa a força, a vitalidade e a energia (LURIE, 1997).

A camiseta lúdica cuja estampa se transforma em tabuleiro constitui o espaço de uma cidade e suas ruas, as profissões destacadas são a de mecânico, de médico, de motorista e de bombeiro. A utilização da ludicidade – jogos e brincadeiras – evidencia que por meio das brincadeiras cotidianas a criança descobre a si mesma e ao mundo (BEZERRA; WAECHTER, 2008) conhece sentimentos, o ambiente que a cerca e se torna independente. No caso da moda infantil masculina, as representações de profissões, animais selvagens e meios de transporte destacam as características da cultura masculina, tais como a força, a coragem, a ousadia, a exploração do mundo entre outras.

Na figura 3, o conjunto de saia estampada com bolinhas e blusa que imita um traje feminino de balé traz a palavra bailarina em letra cursiva, detalhe que sugere o conhecimento e possível domínio desse modo de escrita. A letra “B” em caixa alta destaca-se e instiga a criança a buscar novas palavras com a mesma inicial, favorecendo o desenvolvimento da oralidade e da escrita. Ultrapassando os limites do mero domínio da linguagem escrita, verificamos como as roupas educam as crianças sob a perspectiva dos gêneros; como a

alfabetização é usada enquanto recurso para a formação das identidades de gênero, inculcando nos meninos e nas meninas os conceitos de roupas e profissões adequadas.



Fonte: www.zigzigzaa.com.br (2010)
Figura 3: traje de balé

Sobre o assunto, Simili (2008, p.444) aborda as questões referentes às pedagogias culturais presentes em nossa sociedade as quais educam e produzem moda, pois, juntamente com a escola formal, as diversas instâncias educativas da contemporaneidade, entre as quais a mídia e a moda, atuam na formação dos sujeitos “modelando-os na criação de suas concepções, seus valores acerca do mundo e de si mesmos, de suas identidades, dos papéis sociais a desempenhar, de suas maneiras de comportar-se, agir e, até mesmo, suas representações acerca de como se vestir e se apresentar”. A partir dessa concepção, verificamos que a Zig Zig Zaa inscreve nos corpos de meninos e meninas as marcas culturais e seus códigos morais de representações do feminino e do masculino, no caso da imagem em análise, a profissão de bailarina nos remete à ideia de delicadeza, de feminilidade e de romantismo atribuídas especialmente às mulheres, dificilmente o balé é considerado profissão masculina, há, inclusive, muitos preconceitos quando um garoto opta pela atividade.

A profissão masculina geralmente associa-se à força, à coragem e à agilidade, como é o caso do ofício de motorista de caminhão, representado na estampa do modelo abaixo, indicado para meninos entre 4 e 6 anos. Os modos de conduta para menino e para menina já se delimitam desde a tenra infância, configurando suas identidades a partir das pedagogias produzidas socialmente pela cultura (SABAT, 2001).



Fonte: www.zigzigzaa.com.br

Figura 4: estampa destacando a profissão de motorista como masculina.

Na figura 4, o traje de menino inclui bermuda jeans e camiseta em cores fortes, cuja estampa reúne gravuras (caminhão) letras e um chip musical que reproduz o som emitido pelo meio de transporte. Em caixa alta, a letra “M” é evidenciada como a primeira da palavra motorista, profissão que se pretendeu representar a partir da estampa. Figliuzzi (2008, p.3) destaca que o brincar com carrinhos sempre esteve, preferencialmente, associado a atividades de meninos, conforme se observa em propagandas de brinquedos ou de automóveis que circulam na mídia, carregados de “movimento, dinamismo, agilidade, força, cores, sons e que estão representados como ‘natural’ do que é masculino”, assim, o gostar/ brincar com carrinhos se torna um elemento de construção do masculino nas pedagogias culturais que se projeta da infância para a vida adulta, enquanto que para as meninas são oferecidos brinquedos mais associados à feminilidade como bonecas, estojos de maquiagem, casinhas etc. Vale lembrar que os carrinhos, como brinquedos, estão presentes na vida das meninas, porém, com design, cores e significados diferentes daqueles destinados aos meninos. Os carrinhos são de boneca e desse modo, as meninas são inseridas no universo das representações da e para a maternidade. Pilotando os carrinhos de boneca elas aprendem a ser mães.

Em síntese, verificamos ao longo da análise que a Zig Zig Zaa trabalha no sentido de vender não apenas as roupas, mas um discurso carregado de significados relacionados aos gêneros e que circulam nas relações sociais, ao mesmo tempo em que reafirma e naturaliza esses conceitos por meio de representações e estratégias, tais como mostrar meninas como figuras delicadas e meninos envolvidos em situações de coragem, força e determinação.

Por meio das imagens das roupas produzidas pela marca, pudemos observar como as relações de gênero estão sendo vistas em nossa sociedade. Sabat (2001) ressalta o currículo cultural como princípio utilizado pela publicidade para vender produtos nos quais estão

embutidos conceitos, valores e significados atribuídos a homens e mulheres. Isso significa que a identidade é constituída a partir de termos culturais, das diferentes formas utilizadas pelos grupos sociais para se reconhecer, ou seja, se constroem no processo de representação de um grupo.

4. Considerações finais

A título de conclusão, é importante ressaltar que as roupas que compõem a coleção Zig Zig Zaa para meninos e meninas possuem um sentido pedagógico, pois suas estampas carregam em si os princípios estabelecidos pelos documentos oficiais para a educação infantil. Em contrapartida, ultrapassando os limites da educação escolar formal, verificamos, ainda, que as roupas educam sob a perspectiva dos gêneros, uma vez que as cores, estampas e modelagens ensinam a criança sobre o que é ser menino e ser menina, isto é, formam conceitos de feminilidade e de masculinidade com múltiplas repercussões em sua trajetória como homens e mulheres.

Por intermédio desse estudo, pudemos demonstrar o papel desempenhado pelas roupas na educação infantil e dos gêneros, além de deixar claro que as vestimentas devem ser consideradas pela educação como instrumento importante na constituição do que podemos chamar de “subjetividade pret-a-porter”, ensinando e inculcando valores, sonhos e desejos diferentes nos meninos e nas meninas.

Em nosso modo de ver, nas práticas e representações da educação são fornecidas as condições para que as meninas e os meninos “naturalizem” as escolhas profissionais ou percebam de maneira preconceituosa o ingresso de uns e outros em profissões tidas como “femininas e masculinas”. Portanto, mais do que identificar o processamento da educação dos gêneros, este estudo proporciona os instrumentos para um olhar crítico para as roupas com as quais as crianças são vestidas pelos pais e mães e com as quais comparecem à escola. Nesse sentido, prestar atenção nas roupas das crianças é um modo de entender a educação que estamos praticando.

Referências

A MALWEE e a educação. **Educar para Crescer**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/zigzigzaa/materias/guilherme-weege-entrevista.shtml>>. Acesso em set. 2010.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.p.108-123.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

BENTO, Berenice. Performances de gênero e sexualidade na experiência transexual. In: LOPES, Denilson et. al. (Orgs.) **Imagem e diversidade sexual: Estudos da homocultura**. São Paulo: Nojosa, 2004.

BEZERRA, M.F; WAECHTER, H. **Brincando com a roupa**: um estudo sobre a compreensão de elementos lúdicos na moda infantil. In: 8º CONFRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN. *Anais...*São Paulo,2008. Disponível em: < <http://www.modavestuario.com/232bricandocomroupa.pdf>>

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://www.gestaodeconcurso.com.br/site/cache/31ef7582-daa7-4621-917a1bbc98acab6/REFERENCIAL%20CURRICULAR%20NACIONAL%20PARA%20EDUCACAO%20INFANTIL%20VOL3.pdf>>. Acesso em jan. 2011.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

FANTE, Vania G. dos Santos. Moda pedagógica. **BD Revista**. Disponível em: <http://www.erechim.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/201092721513140321_22_e_23_de_agosto_de_2010.pdf> acesso em mar. 2011.

FIGLIUZZI, Adriza. Carro – isso é coisa de menino!. IN: **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, ago. 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST44/Adriza_Figliuzzi_44.pdf. Acesso em ago. 2011.

FONTANIVE et al. **A alfabetização de crianças com seis anos**: uma contribuição para o debate sobre aquisição de habilidades de leitura escrita e matemática no primeiro ano do ensino fundamental. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n61/v16n61a04.pdf>>. Acesso em mar. 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v.19, n.2, maio/ago.2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em abr.2011.

KERN, Mônica Tonding. SCHEMES, Claudia. ARAÚJO, Denise Castilhos de. A moda infantil no século XX: representações imagéticas na Revista do Globo (1929-1967). **Diálogos**, DHI /PPH/UEM, v.14, n: 2, p. 399-427, 2010.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. revisada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LURIE, Alison, **A linguagem das roupas**. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e prática. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.p.09-27.

PINHEIRO, Rossana de Souza Brito. MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. PERFIL DE PROFESSORAS EM NATAL (1889-1910). IN: **Gênero e etnia na história da educação brasileira**. Disponível em:

<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais_coautorais/eixo04/Rossana%20K.%20Brito%20de%20Souza%20Pinheiro%20e%20Maria%20Arisnete%20Camara%20d.pdf>. Acesso em jul.2011.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução de Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia,1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da educação. tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis (SC), v. 09, n. 01, p. 09-21, 2001.

SIMILI, Ivana G. Educação e produção de moda na Segunda Guerra Mundial: as voluntárias da Legião Brasileira de Assistência. **Cadernos Pagu**, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n31/n31a19.pdf>>. Acesso em: abr. 2011.

_____. “Cartas para Ludovic”: conversas sobre moda e gênero. In: _____. (org.) **Corpo. Gênero e sexualidade**. EAD. Maringá: Eduem. (no prelo).

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.º 25, p.5-17, 2004.

